

A etnometodologia como programa de investigação educacional

Prof. Ms. Elisa Antônia Ribeiro

Resumo

Este artigo objetiva discutir o paradigma qualitativo nas ciências sociais, para em seguida refletir sobre a etnometodologia enquanto um dos caminhos do paradigma qualitativo. Na construção do texto julguei necessária a menção a uma das bases filosóficas da etnometodologia – a fenomenologia, que é apresentada na segunda parte do texto. Na terceira parte, o objetivo é definir, caracterizar metodologicamente e contextualizar o uso da etnometodologia como uma modalidade de investigação qualitativa na educação. A conclusão, por sua vez, apresenta as possibilidades dessa perspectiva metodológica para o desocultamento do cotidiano escolar.

Palavras-chave: etnometodologia, investigação educacional, educação.

Abstract

This paper has an aim to discuss the qualifying paradigm in social sciences in order to think about the ethnomethodology as one of ways to qualifying paradigm. In the construction of the text, I considered necessary the mention to one of the philosophical basis of the ethnomethodology – the phenomenology, with is show in the second part of the text. In the third part, the aim is to define, characterize methodologically and contextualize the use of ethnomethodology as one form of qualifying investigation in education. The conclusion shows the possibilities of this methodological perspective to realize the desrevealed of daily education.

Key-word: , ethnomethodology, educational investigation, education.

Prof^a. Ms. Elisa Antônia Ribeiro

Qualificação:

Graduação em Pedagogia
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá - FAFI de Araxá
Mestrado em Educação
Centro Federal de Educação Tecnológica
CEFET/MG

Local de trabalho atual:

Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ
CEFET-MG/UNED-ARAXÁ

Endereço eletrônico: ribeielisa@gmail.com

A etnometodologia como programa de investigação educacional

Prof.^a Ms. Elisa Antônia Ribeiro

O presente artigo é resultante das discussões desencadeadas na disciplina “Tópicos Especiais em Pesquisa Educacional”, cursada por mim no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação, na Universidade Federal de Uberlândia, no período de março a julho de 2006.

O programa da disciplina teve como escopo capacitar seus participantes para o reconhecimento das diversas formas de produção do conhecimento científico e, assim, contribuir para o refinamento intelectual e o acesso aos fundamentos teóricos que os capacitarão à produção de pesquisas científicas identificadas pela qualidade acadêmica e pertinência social.

As aulas foram organizadas de forma a permitir aos envolvidos o contato com diversos livros e artigos produzidos por pesquisadores brasileiros e internacionais, cuja produção volta-se para as ciências sociais, com ênfase no campo educacional.

A leitura dessa produção possibilitou-me defrontar com inúmeras questões que me provocaram, ainda mais, à exploração dos melindres da própria ciência. O pensamento de Granger (1994, p.114) é além do mais, bastante provocativo: “a ciência é uma das mais extraordinárias criações do homem, ao mesmo tempo pelos poderes que lhe confere e pela satisfação intelectual e até estética que suas explicações lhe proporcionam”. O autor sinaliza, ainda, para o espetáculo que é a ciência.

Hoje, no teatro desmedidamente extenso das representações de nosso mundo oferecidas a todos pelos textos e pelas imagens, a ciência certamente aparece como uma personagem essencial. Misteriosa, porque o pormenor de sua figura não está ao alcance dos próprios cientistas, tutelar, porque dele dependem as maravilhosas máquinas que povoam os lugares que vivemos; inquietante, porque estamos conscientes dos poderes antinaturais e aparentemente ilimitados que um tal saber foi e será capaz de desencadear. (GRANGER, 1994, p. 9).

Em meio à multiplicidade dos temas estudados, relativos à epistemologia, elegi para estudo e, em consequência, para a elaboração desse artigo, os princípios que norteiam a modalidade de pesquisa qualitativa – Etnometodologia.

A proposta que ora se veicula nesse trabalho é modesta, uma vez que anseia meramente ressaltar alguns aspectos sociológicos da Etnometodologia, especificamente com a apresentação do referencial teórico dessa modalidade de pesquisa qualitativa. Por seu lado, significa que não me preocupei em tratar de como se organiza a instituição escolar, nem tive como objetivo inovar acerca do tema. Apenas me interessou destacar a Etnometodologia enquanto um dos prováveis caminhos ao estudo de questões correspondentes ao cotidiano escolar em uma perspectiva de pesquisa que busca adentrar nas nuances do cotidiano escolar.

Na primeira parte do artigo, discuto o paradigma qualitativo nas ciências sociais para, logo em seguida, refletir sobre a etnometodologia

enquanto proposta alternativa. Para a construção do texto, julguei necessária a menção a uma das bases filosóficas da etnometodologia – a fenomenologia. Este aspecto foi apresentado na segunda parte do texto. Na terceira parte, o objetivo foi o de definir, caracterizar e contextualizar o uso da etnometodologia como uma modalidade de investigação qualitativa na educação. Nas considerações finais apresento as possibilidades do uso dessa perspectiva metodológica para o desocultamento do cotidiano escolar.

I PARTE

1.1 Paradigma qualitativo nas ciências sociais

O conhecimento científico é comumente referido como aquele que é produzido a partir de métodos apoiados em pressupostos ontológicos, epistemológicos e, especialmente nas ciências sociais, naqueles de natureza ética e antropológica. Há duas grandes abordagens: a nomotética e a hermenêutica.

A nomotética ou quantitativa defende a aproximação entre ciência social e ciência natural, de tal modo que a mensuração, a quantificação, a busca da causalidade, do controle estatístico e de variáveis tornam-se o meio para gerar conhecimento válido e universal. Por outro lado, a abordagem idiográfica, hermenêutica ou qualitativa destaca a diferenciação entre os dois tipos de objetos de estudo – o físico e o humano – ao admitir que, ao contrário do objeto físico, o homem é capaz de refletir sobre si mesmo e, através das interações sociais, construir-se como pessoa. No caso desta última abordagem, à ciência social não deveria importar o modelo da ciência natural, e sim a criação de um outro que se apoiaria na descrição, no entendimento, na busca de significado, na interpretação, na linguagem e no discurso, gerando um tipo de conhecimento válido a partir da compreensão do significado do contexto particular.

Para as ciências sociais, o ato social é considerado como unidade básica e admite que o homem possa compreender as suas próprias intenções bem como interpretar os motivos da conduta de outros ho-

mens. Neste sentido, elas buscam apreender um particular fenômeno significativo em uma totalidade intersubjetiva.

Martins (2000, p. 51) assevera que “diferentemente das outras Ciências, a Humana não recebeu por herança um domínio já delineado em seu conjunto, mas não-desbravado e que as Ciências Exatas teriam por tarefa trabalhar com conceitos enfim científicos e métodos positivos”.

Foucault (1987) apud Martins (2000, p.51) declara que as Ciências Humanas se estendem até os limites em que se investigue a vida do homem, o seu trabalho e a linguagem. Martins (2000) aprofunda o debate sobre o alcance da pesquisa nas Ciências Humanas, todavia,

pode-se dizer que só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa.

Em síntese, as Ciências Humanas não são, portanto, uma análise daquilo que o homem é na sua natureza, mas, antes, porém, uma análise que se estende daquilo que o homem é, na sua positividade, ou seja, na sua inteireza, vivendo, falando, trabalhando, sentindo, sofrendo, contestando, errando, envelhecendo e morrendo, para aquilo que habilita este mesmo homem a conhecer, ou pretender conhecer, como a vida é, qual a essência do trabalho, do seu fazer, das leis, dos sentimentos e das atitudes. (Martins, 2000)

As ciências humanas estudam o homem em sua especificidade humana, isto é, em processo de contínua expressão e criação.

Bogdan e Biklen (1994, p. 11) comentam que

um campo que era anteriormente dominado pelas questões da

mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por Investigação Qualitativa.

As seguintes características da pesquisa qualitativa são indicadas por Bogdan e Biklen:

- (1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave,
- (2) A pesquisa qualitativa é descritiva,
- (3) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto,
- (4) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente,
- (5) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

1.2 Reflexão sobre a etnometodologia enquanto um dos caminhos do paradigma qualitativo

Os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva fenomenológica não limitam a uma descrição passiva. Esses estudos buscam desvendar o fenômeno além da aparência; exatamente porque os fenômenos não estão evidentes de imediato e com regularidade, faz-se necessário a Fenomenologia.

Os estudos etnometodológicos buscam valorizar os aspectos descritivos e as percepções pessoais, focalizam o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. De acordo com André (1995), a etnometodologia leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas, adotando-se, assim, uma perspectiva de totalidade.

A Etnometodologia, corrente sociológica de origem americana, nasceu na Califórnia e teve como fundador Harold Garfinkel. Essa corrente ganhou atenção, principalmente, após a publicação do artigo de Garfinkel, em 1963, intitulado de *"A conception of and experiments with 'trust' as a condition of concerted stable actions"*, e da obra *Studies in Ethnomethodology*, 1967, que é considerada o marco inicial dessa abordagem (STAMFORD, 2002).

Garfinkel explica que usa o termo etnometodologia para se referir à "investigação das propriedades racionais das expressões indexadas e outras ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas usadas como artifícios para organizar a vida cotidiana" (GARFINKEL, 1996, p.11, apud STAMFORD, 2002, p.1)

Essa nova corrente representa uma ruptura radical com os modos de pensamento da sociologia tradicional, tanto na perspectiva da pesquisa, quanto na postura intelectual. De acordo com Coulon (1995, p.7), essa alternativa investigativa vem causar uma reviravolta na "sociologia tradicional", provocando grandes debates nos meios acadêmicos tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, particularmente, nas universidades alemãs e inglesas.

Na França, o debate iniciou-se tardiamente, nos anos 70, com a publicação de artigos sobre o tema em revistas especializadas, e foi em meados dos anos 80 que a etnometodologia passa a ser ministrada nas universidades. Mas, a expansão da etnometodologia enquanto alternativa de pesquisa nas ciências sociais aconteceu somente a partir de 1990, quando um grupo de pesquisadores da sociologia da educação passou a desenvolver trabalhos com base etnometodológica¹. Com isso, foi largamente propagada essa nova teoria naquele país e logo se espalhou para outros centros de investigação.

No contexto brasileiro, a utilização da pesquisa etnometodológica como suporte na investigação sociológica ainda é pouco empregada pelos pesquisadores. Segundo Guesse (2003), o que se tem em termos de produção científica são alguns raros trabalhos. O referido autor cita como exemplo as duas obras traduzidas do francês, de Alain Coulon, (1995a e 1995b) e um artigo traduzido do inglês, de John Heritage (1999). Outras referências esparsas e bastante resumidas podem ser

encontradas em manuais de metodologia, como o caso de um breve capítulo dedicado à etnometodologia na obra de Haguette (1992) e de Birnbaum & Chazel (1977), dentre outros.

Nas universidades brasileiras, a etnometodologia ainda é mais utilizada por estudiosos que investigam o cotidiano das práticas da educação infantil, ensino de matemática e educação física. Esta constatação foi feita por Guesser (2003), embora assuma que os resultados são ainda incipientes, uma vez serem resultantes de uma pesquisa superficial, após ter explorado o tema pela Internet e verificado o uso da etnometodologia nas áreas aqui apresentadas.

O termo etnometodologia não foi gerado por Harold Garfinkel de uma maneira unidimensional. Ele chegou ao termo a partir das palavras etno**botânica**, etno**fisiologia**, etno**física**, empregando-o para se referir à capacidade do ser humano de dotar de sentido seu mundo social. Assim, *etno* se refere aos “sistemas conceituais cotidianos empregados pelos membros de uma cultura ou de uma sociedade dada”; e *metodologia* são “os procedimentos implementados pelo senso comum na representação corrente do mundo e da ação”. (ARNAUD, 1999, p. 333; WALLACE; WOLF, 1994, p. 320, apud, STAMFORD, 2002, p.1).

Etnometodologia não é um método de pesquisa nem uma técnica de levantamento de dados; é um programa para investigar “acordo entre colegas culturais”, ou ainda, como esclarece Garfinkel: “Eu uso o termo *“ethnomethodology”* para me referir à investigação das propriedades racionais de expressões de indexação e outras ações de práticas contínuas e contingentes organizadas na vida cotidiana” (GARFINKEL, 1996, p. 10-11, apud, STAMFORD, 2002, p. 7).

Portanto, essa corrente investigativa estuda a construção de raciocínios e métodos resultantes do convívio social; assim, no cotidiano, são estabelecidos significados às intenções e palavras empregadas. Isso é o que possibilita a comunicação entre os integrantes do grupo social, logo o convívio, pois devido ao cotidiano os integrantes do grupo deixam de problematizar cada intenção e palavra utilizada. Dessa construção de significado é que a etnometodologia defende a produção de significados, logo, de normas que possibilitam a compreensão e a continuidade do convívio social.

Confirma-se, assim, que não se trata de um método de investigação, nem de uma técnica de pesquisa e, sim, de um programa de pesquisa voltado ao estudo do “aspecto processual e implícito do conhecimento que os agentes utilizam nas atividades rotineiras” (ARNAUD, 1999, p.332, apud Stamford, 2002, p.8), ou seja, de como as pessoas tornam compreensíveis as cenas e situações sociais.

II PARTE

2.1 Bases filosóficas da etnometodologia – a fenomenologia

Diversos pensadores dos séculos XIX e XX, deram sua colaboração de forma veemente para a construção da proposta de investigação etnometodológica. Stamford (2002, p.9), em seu artigo “*Etnometodologia da Conciliação Judicial: uma análise do cotidiano forens*”, (2002), apresenta o nome dos principais colaboradores, baseado em Coulon (1995). Eles afirmam que Garfinkel foi influenciado por Talcott Parsons, no período de 1946 a 1952, tendo estudado a perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl, Aaron Gurwitsch, Alfred Schütz e Maurice Merleau-Ponty.

Nessa parte do presente trabalho, pretendo abordar de forma elementar o estudo do pensamento de um dos autores, citados anteriormente, para melhor compreensão dos fundamentos da pesquisa etnometodológica. O autor selecionado foi Edmund Husserl, pensador precursor da sistematização do pensamento fenomenológico. No sentido de tentar dar os primeiros passos no entendimento do pensamento desse autor, foram utilizados os livros *Fundamentos Filosóficos da Educação* e *Husserl*.²

O termo fenomenologia foi empregado antes por Kant e Hegel, mas foi Husserl que o usou para designar um método filosófico particular. Por isso, Edmund Husserl pode ser considerado o primeiro autor a utilizar o termo fenomenologia. Empregou-o para tratar da dualidade da consciência, daí o autor distinguir psicologia pura - mun-

do da consciência - do mundo dos modos de conhecer. É que o descobrimento psicológico do *me mesmo* é objeto de estudo da psicologia pura - preocupada com a realidade psicofísica (animal); já a fenomenologia estuda as variantes fenomênicas da consciência. É a distinção entre a perspectiva do *ego cogito* e a perspectiva da descrição concreta da consciência. Daí a fenomenologia abrir a possibilidade de estudo de fatos antes jamais investigados porque trata da investigação dos fatos da estrutura sintética que dão unidade noético-noemática às distintas cogitações. (HUSSERL, 1996, apud STAMFORD, 2002, p.10).

A ciência tradicional trabalha na perspectiva da suposição de um mundo autônomo fora do pensamento humano; Husserl, ao contrário, estudou a intuição original das coisas eternas, ou seja, desejou investigar como o ser humano toma consciência das coisas no plano original antes de começar a dar-lhes significado e interpretação (OZOMON; CRAVER, 2004, p. 250). Assim, seu campo de investigação era o nível de consciência pré-conceitual, os dados originais e imediatos da consciência.

Da proposta de estudo dos atos mediante os quais a consciência se reporta à realidade ou ao seu significado, Husserl realiza uma mudança de atitude na teoria do conhecimento: o investigador deve procurar afastar-se do que é tido por aspecto ôntico, apodítico, como a idéia de atitude natural do ser humano, pois a atenção do pesquisador se desloca do mundo mesmo (da sua realidade) para os fenômenos com os quais esse mundo se anuncia e se apresenta na consciência, isto é, na consciência mesma e nas suas estruturas essenciais (HUSSERL, 1996, apud, STAMFORD, 2002, p.10). Neste sentido, a consciência constitui o “*resíduo fenomenológico*” (ABBAGNANO, 1993, apud STAMFORD, 2002, p.10).

Husserl, portanto, queria fundamentar a fenomenologia como ciência voltada para as próprias coisas, para ver como são as coisas. Pois é precisamente a fim de ir às coisas, às coisas em carne e osso, ou seja, a fim de encontrar pontos sólidos e dados indubitáveis, coisas tão manifestas a ponto de não poderem ser postas em dúvida e sobre as quais poder saber uma concepção filosófica consistente, que Husserl propõe a epoché (...), como método da filosofia (ABBAGNANO, 1993,

apud STAMFORD, 2002, p.10).

A epoché se divide em três momentos: redução fenomenológica, redução eidética e redução transcendental. Essa divisão não pode, porém, sob nenhuma hipótese, levar à impressão de que tais momentos são subseqüentes - um começa quando o outro termina - pois se constituem em aspectos díspares, de uma mesma totalidade: o método fenomenológico.

A redução eidética, tida como um momento positivo corresponde ao olhar da inteligência para as próprias coisas (*zu der Sachen selbst*), captando a sua essência (eidos) e elaborando um conceito para o fenômeno, significa que devemos desnudar ou agrupar as suposições e os pressupostos culturais (da qual a ciência tradicional é apenas uma parte), e retornar à consciência imediata ou original. Redução Fenomenológica quer dizer colocar “entre parênteses” a atitude natural, ou seja, suspender todo e qualquer juízo sobre o mundo natural, deixando de lado as teorias, juízos, preconceitos e opiniões. Essa abstração, como afirmamos, é a redução fenomenológica, tida como um momento negativo do método.

De acordo com Barguil; Leite (s/d, p.9)

a redução fenomenológica e a redução eidética ocorrem simultaneamente, sem que se possa traçar nitidamente um limite entre elas. E apenas uma sutil mudança de foco: enquanto em uma se focaliza o que não é o fenômeno (abstraindo-se de juízos, certezas e preconceitos), na outra a atenção se volta para o que é o fenômeno (com a consciência pura).

Os autores Barguil; Leite (s/d, p.9) prelecionam quanto ao significado da redução transcendental:

Husserl defendia a idéia de que fosse colocado entre parênteses tudo o que fosse exterior à consciência como tal, até mesmo o caráter existencial do sujeito cognoscente. Quando o homem rejeita até o juízo da sua existência, ele se coloca numa atitude transcendental. A reflexão sobre o conteúdo, o eidos encontra-

do é o que caracteriza a **redução transcendental**. Como resultado dela, obtém-se a consciência pura ou o eu puro, que já dispensa o real para sua existência (8: p. 1239- 1240). Como diz Stegmüller, é nesta fase que se faz a distinção entre o real e o irreal, quando os dados da consciência ingênua tornam-se fenômenos da consciência pura (14: p. 74-75).

Para Husserl, o projeto fenomenológico trata-se de “estudar o *viver* em sua complexidade primeiramente de maneira separada e independente, para só em um segundo tempo tratar a questão de sua “validade”, de sua correlação com o “mundo” (SALANKIS, 2006, p. 45).

O conhecimento, em Husserl, portanto, envolve o estudo da intencionalidade.

Porque, em Husserl, primeiramente a

intencionalidade designa a propriedade que a consciência tem de produzi acontecimento, a atividade por excelência da consciência. Esta consciência que é antes de tudo fluxo dos vividos sabe cristalizar-se ou ligar-se de tal forma que ela se faz ato, o que , desde as *Investigações lógicas*, como já dissemos, de sua parte significa ao mesmo tempo apontar para, visar. A intencionalidade satisfaz a uma função de visada, mas ela sempre se efetua em atos, que são também acontecimentos. (SALANSKIS, 2006, p.59)

Dessa forma, quando um objeto é percebido e rapidamente se enquadra nos modelos de nossa experiência vivida, a intuição, a evidência e a verdade podem coincidir; o que possibilita a racionalidade. Algo é racional quando coincide com a evidência, ou seja, quando lhe damos o atributo de estar de acordo com nossa intuição, com os limites dados por nossa experiência. Daí sempre haver a intencionalidade no ato de conhecimento, que é a intencionalidade da consciência.

Esse é o ponto que pode interessara às pesquisas na área da educação: a possibilidade de investigar a intencionalidade dos atores

escolares na produção de seus valores, sistemas de normas, atitudes.

III PARTE

3.1 Características e contextualização do uso da etnometodologia como uma modalidade de pesquisa qualitativa

Um dos pressupostos centrais da pesquisa etnometodológica é a concepção de que os fatos e as organizações sociais são construções e realizações contínuas dos atores. A etnometodologia busca investigar como através dos inúmeros tipos de atividades, circunstâncias e raciocínios - corriqueiros, cotidianos, práticos - a ordem social é construída (RATTON JR., s/d).

Esse tipo de pesquisa qualitativa se propõe a privilegiar as abordagens microssociais dos fenômenos, dando maior importância à compreensão do que à explicação. Enquanto a sociologia tradicional despreza as descrições que os atores fazem dos fatos sociais que os cercam, entendendo que essas descrições são por demais vagas, a etnometodologia valoriza exatamente essas interpretações que passam a ser o objeto essencial da pesquisa. A etnometodologia privilegia a abordagem micro sem se desvincular do contexto mais envolvente; ao contrário, busca alicerçá-la às visões macro. Coulon (1993/1995, p.53) faz as seguintes observações:

Se adotamos deliberadamente uma perspectiva de análise que privilegia o nível micro do fenômeno considerado, não devemos perder de vista que o problema estudado é um fenômeno complexo no qual entram em jogo, como já tem sido mostrado alhures por outros pesquisadores, um grande número de parâmetros habitualmente situados no nível macro - por exemplo, os determinantes econômicos e sociais do sucesso escolar dos indivíduos.

O foco desse tipo de investigação é a análise dos etnométodos - métodos práticos de raciocinar dos membros da comunidade pesquisada. Desta maneira, o ator passa a ser o autor, ele não é mais tratado como um simples informante. As descrições e a compreensão que os autores da pesquisa fazem da realidade são em última instância o cerne dos estudos da etnometodologia. O paradigma passa a ser, então, interpretativo e não mais normativo. Etnometodologia corresponde a um raciocínio sociológico prático, empregado pelos membros comuns da sociedade, observados na gestão corrente de seus negócios cotidianos.

A etnometodologia desenvolveu vários conceitos com a intenção de dar conta da totalidade do fenômeno investigativo. Tais conceitos são apresentados por Coulon (1995): *membro, prática/realização, indidualidade, reflexividade e relatabilidade* (accountability). Como esse trabalho não se atém a desenvolver discussões mais aprofundadas sobre tais conceitos, considerando os objetivos propostos e as limitações de ordem espacial, sugere-se a leitura de Couloun (1995) para um melhor entendimento desses conceitos.³

Para os etnometodólogos, membro não é apenas um ente que pertence a um determinado grupo, mas ao contrário, é um ente que compartilha a construção social daquele determinado grupo. O emprego desse conceito possibilitou a revisão sobre o conhecimento prático e conhecimento científico.

O conceito de membro remete ao de reflexividade. O ator concebido como sujeito ativo na construção da realidade é o produtor dessa realidade. Segundo Coulon (1995), a reflexividade designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. Descrever uma situação é constituí-la. A reflexividade de sinais produzidos pelos atores é que dá origem às ações sociais, e é esse o produto social que deve ser analisado pelos sociólogos.

Para a etnometodologia, a realidade social é construída na prática do dia-a-dia pelos atores sociais em interação; não é um dado preexistente. Os membros utilizam a linguagem para exteriorizar a realidade, para contar essa realidade. O pesquisador atento buscará co-

nhecer as circunstâncias dos enunciados, pois são eles que nos permitem atribuir um sentido mais preciso às palavras. As expressões que os atores sociais em interação utilizam estão carregadas dessas características indiciais, ou seja, as expressões utilizadas pelos atores ganham significado a partir do conhecimento do contexto local onde elas são produzidas. A *indicialidade* é, assim, essa incompletude que toda palavra possui. Ela precisa estar situada num contexto específico para revestir-se de significado. Desta forma, o pesquisador não deve tentar substituir essas expressões indiciais por expressões supostamente objetivas, mas sim mergulhar no contexto para melhor compreender o processo de construção que os atores realizam para construir tais expressões.

Os relatos são informativos ou estruturantes da situação de enunciação. A *relatabilidade* está ligada à noção de *reflexividade*. A *relatabilidade* refere-se à propriedade das descrições que os atores fazem da realidade, a partir da *reflexividade*, no sentido de que mostra sem cessar a constituição dessa realidade. Em outras palavras, a *relatabilidade* não é a descrição pura e simples da realidade enquanto pré-constituída, “mas enquanto essa descrição em se realizando, ‘fabrica’ o mundo, o constrói” (COULON, 1995, p.46).

Assim, os atores relatam o processo que fabrica a realidade, tornando compreensíveis as suas ações pela revelação a outrem dos processos pelos quais a relatam. “A propriedade dessas descrições não é a de descrever o mundo, mas de lhes mostrar sem cessar a constituição”. (Coulon, 1995, p. 46). A reflexividade é, portanto, a capacidade que o indivíduo tem para descrever e construir a realidade, e a relatabilidade é a materialização dessa capacidade. Através dos relatos percebemos a reflexividade dos indivíduos.

Para a etnometodologia vivemos num mundo que é carregado de significações e sentidos produzidos pelos atores sociais; a natureza do social é inteligível; o ator social possui racionalidade, *não é um idiota cultural*. Neste sentido, a relatabilidade (*accountability*) revelar-se-á sempre na relação prática dos sujeitos na esfera de atuação social. Em suma: o mundo social é passível de ser interpretado porque possui a relatabilidade enquanto categoria necessária à sua compreensão.

3.2 A Etnometodologia como programa de investigação educacional

Criticando a construção das teorias sociológicas, a etnometodologia se contrapõe ao positivismo sociológico, em suas vertentes estruturalismo e funcionalismo, principalmente por eles promoverem uma realidade social diversa da real ao criarem tipos sociais ideais como forma de possibilitar a análise e explicação da vida em sociedade. A etnometodologia rejeita essa construção teórica, bem como não aceita a idéia de o fato social ser considerado como algo dado.

Sendo assim, o objeto de investigação da etnometodologia é a produção dos fatos sociais pelos atores. Para essa corrente, o convívio social produz e constrói uma percepção de vida, uma visão de fatos sociais, assim ela rejeita os que consideram o ator social um “imbecil desprovido de juízo” (WALLACE; WOLF, 1994, p. 228).

No campo educacional, busca estudar as atividades estruturantes que constroem os fatos sociais da educação, nomeadamente, o predomínio dos estudos empíricos, da observação no terreno das práticas sociais, o interesse pela vida cotidiana e pela linguagem natural, a utilização das noções e das categorias de ator social, de quadros da experiência, de interação social, de criatividade, de consenso, de saber ordinário (BARGUIL; LEITE, s/d).

No programa etnometodológico, os métodos e técnicas de pesquisa foram desenvolvidos, considerando os fundamentos da abordagem etnográfica. Os etnometodólogos recorrem à técnica da pesquisa documental, da observação, da gravação de fitas de áudio e de vídeo, de diálogos, dos estudos dos dossiês administrativos e escolares, dos resultados dos testes, de gravações em vídeo, de projeção do material gravado para os próprios atores, de gravações dos comentários feitos no decorrer das projeções, tudo voltado à dimensão de como as pessoas constroem e reconstróem a realidade social em que vivem⁴.

Os problemas por ventura encontrados pela equipe de pesquisa são incorporados à pesquisa, bem como as interações com os funcionários da escola. Com relação ao plano de trabalho, este se mostra não estruturado, os pesquisadores sugerem o abandono das “hipóteses an-

tes de ida ao campo”, a equipe não sabe muito bem o que procurar no início.

As análises são locais, o que diminui o espaço para generalização dos resultados. Emprega-se a técnica da espreita, como estratégia para seguir a pista de alguém, caminhar seguindo os seus vestígios. Tenta-se um esforço contínuo para tentar ver o que o sujeito vê.

Considerações finais

Por longo tempo, na educação, a tradição sociológica veio investigando as estruturas sociais como se fossem fatos sociais obrigatórios e objetivos e, por isso, desconsiderando a maneira pela qual os fatos são produzidos. Essa perspectiva de pesquisa analisa o fenômeno educacional como sendo uma caixa-preta inviolável, em que só se trabalha com as variáveis de entrada e saída. Na entrada são variáveis clássicas: sexo, idade, etnia. Na saída, analisa-se o fracasso escolar, a desistência etc.

Por outro lado, a etnometodologia, nos trabalhos de Alain Coulon, vai discutir a noção subsunçora, arquetizada, enviesada, tecida, das vivências dos atores sociais na construção de suas vidas em sociedade. Essa corrente examina os processos educacionais que convivem com a reprodução da desigualdade e as condições concretas em que se desenrola cotidianamente. Volta seu olhar para avaliar a relação número de alunos por sala, métodos pedagógicos, determinantes do processo avaliativo, classe social, raça, atitude do professor, esses objetos da pesquisa etnometodológica devem ser mostrados em situação, nas interações entre os parceiros do ato educativo.

Os etnometodólogos privilegiam o estudo do sentido que os atores e os agentes sociais atribuem à sua própria prática social, rompendo assim com as tendências objetivantes que tendem a considerar o sentido que os sujeitos atribuem à sua ação como mero reflexo deformado das determinações estruturais do sistema social. Assim, ao contrário do marxismo que considera a infra-estrutura econômica como determinante em última instância da consciência que os indivíduos

possuem da sua ação, a etnometodologia considera a consciência que os indivíduos possuem da sua ação como constitutiva do seu próprio sentido.

A etnometodologia como programa de investigação educacional privilegia a análise dos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas, porque considera que os significados que os sujeitos dão aos fenômenos dependem essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentam a sua existência.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

BARGUIL, Paulo Meireles; LEITE, Raquel Crosara Maia. **Voltemos às Próprias Coisas: O Convite da Fenomenologia**. http://www.paulobarguil.pro.br/producao_bibliografica/artigos/arquivo/artigo_01.pdf. acessado em 14/02/2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

COULON, Alan. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Alan. Etnometodologia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986

GRANGER, Gilles Gaston. *A ciência e as ciências*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1994, 122p.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. V. 1nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. Disponível: www.emtese.ufsc.br, acessado em 10/04/2006.

MOREIRA, Adelson Fernandes; BORGES, Oto. **Por dentro de uma sala de aula de física**. *Educ. Pesquisa*. v.32 n.1 São Paulo jan./abr. 2006. Disponível: www.sielo.gov.br, acessado em 16/07/2006.

OZMON, Howard A; CRAVER, Samul M. *Fundamentos Filosóficos da Educação*. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RATTON JR., José Luiz de Amorim. **Senso comum, linguagem, ação e ordem**: uma introdução à Etnometodologia. Resenha: Etnometodologia, Alain Coulon, Petrópolis, Vozes, 1995, 134 páginas. Disponível: <http://www.ufpe.br/eso/revista4/ratton.html>, acessado em 22/04/2006.

SALANSKIS, Jean-Miche. **Husserl**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Estação da Liberdade, 2006. 126p.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. ; VOTRE, Sebastião Josué. **Etnometodologia e Educação Física**. Disponível em <http://www.geocities.com/Athens/Styx/9231/etnometodologia.html>, acessado em 19/04/2006.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos. **Educação e Seleção**. n. 7, jan/jun. 1983.

STAMFORD, Artur. **Etnometodologia da Conciliação Judicial**: uma análise do cotidiano forense. Disponível em: <http://conpedi.org/manaus/arquivos/Anais/Artur%20Stamford.pdf>, acessado em 16/07/06.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLACE, R. A.; WOLF, A.. **La teoria sociológica contemporanea**. Bologna: il Mulino, 1994.

Notas

¹ Alan Coulon (1995b) indica alguns trabalhos franceses no campo da sociologia geral, a obra de Jean-Michel Berthelot *L'intelligence du social*, Paris, PUF, 1990 e *La construction de la sociologie*, Paris, PUF

(“Que sais-je?”, n. 2602), 1991.

² OZMON, Howard A ; CRAVER, Samul M. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALANSKIS, Jean-Miche. **Husserl**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Estação da Liberdade, 2006. 126p.

³ Coulon (1995), *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁴ Este texto não se ocupa das técnicas de pesquisa, para quem se interessa não só pela técnica, mas com a análise de dados obtidos através de textos, imagens e som, ver: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2004.